

A CONSTRUÇÃO DO SI-MESMO NA HERMENÊUTICA SIMBÓLICA DE CARL GUSTAV JUNG E NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

Monica Giraldo Hortegas¹

Resumo: A hermenêutica muito se distanciou do seu sentido original. Se nasceu como interpretação de um texto sagrado, ampliou-se para se aventurar em outros contextos, sejam estes teológicos, jurídicos ou literários. Este artigo evidencia o conceito de hermenêutica quando comparado ao deus Hermes, e após discorrer brevemente sobre distintos autores que se destacaram em estudá-la, se deterá à luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. A partir da relevância dos símbolos, autores apontam Jung não apenas como psicólogo, mas tal qual deus Hermes, como hermeneuta. Por último, veremos a hermenêutica simbólica e sua relação com a construção do si-mesmo e com a religiosidade na poesia de Adélia Prado.

Palavras-chave: Hermenêutica; Construção do Si-mesmo; Religiosidade; Carl Gustav Jung; Adélia Prado.

Abstract: Hermeneutics has been distanced from its first meaning. If, in its origins, it is seen as an interpretation of a sacred text, it was extended to venture into other contexts, whether theological, legal or literary. This article highlights the concept of hermeneutics when compared to the god Hermes, and after a brief discussion of different authors that are major figures of these studies, we will look carefully into the analytical psychology of Carl Gustav Jung. From the importance of symbols, authors point Jung not only as a psychologist but as god Hermes, a hermeneuticist. Finally, we will see the symbolic hermeneutics and its relation to the construction of the self and to religiosity in the poetry of Adelia Prado.

Keywords: Hermeneutics; Construction of the Self; Religiosity; Carl Gustav Jung; Adélia Prado.

Introdução

Segundo o dicionário Silveira Bueno da Língua Portuguesa, hermenêutica significa “a interpretação dos textos sagrados” (BUENO, 2007, p. 405), também chamada de hermenêutica sagrada. Este era o significado inicial do termo. A hermenêutica se restringia ao contexto da

¹ Mestranda em Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora), mhortegas@hotmail.com

interpretação dos textos religiosos, dado pela autoridade da Igreja, para que fossem preservados em seu sentido original, com o devido cuidado de não serem deturpados. A teologia protestante europeia, a partir da reforma, viu a necessidade de uma interpretação outra, que não a da autoridade estabelecida. Apoiavam o sentido que vinha amparado por duas bases: a oração e o estudo (ANGLADA, 1997).

A hermenêutica contemporânea alargou seu âmbito de atuação, e sustentada por teóricos diversos, trabalha nas mais variadas disciplinas. A partir da teologia, filosofia e literatura (PALMER, 2006, p. 16), ampliou seus horizontes. Hoje vemos diversos autores tratando sobre essa temática, inclusive no Direito, nas Artes e na Psicologia.

Este texto buscará fazer uma pequena introdução sobre o sentido dado à hermenêutica no desenvolvimento amplo de sua teoria e de forma mais específica, a partir do estudo sobre a psicologia analítica junguiana. Buscar-se-á entender de que forma se dá a interpretação em sua teoria, a partir dos conceitos de inconsciente, consciente e símbolo. Por último, nos deteremos em uma interpretação junguiana sobre a construção do si-mesmo, a partir da poesia de Adélia Prado em sua obra “Miserere”.

Segundo Jung, a construção de uma personalidade única, ou indivíduo, é elaborada a partir de um processo chamado de individuação. Não é um processo simples ou curto. É na realidade, um processo de vida inteira e sua meta é a totalidade, a plenitude do ser. A partir de duas poesias de Adélia de seu último livro publicado, “Miserere”, será possível percorrer o processo de individuação, e entender como se faz esse caminho em busca de um ser mais pleno e feliz.

Uma Pequena História da Hermenêutica

A palavra hermenêutica vem do grego e significa, enquanto verbo, interpretar (*hermeneuein*) e como substantivo, interpretação (*hermeneia*) (PALMER, 2006, p. 23). Relacionando o conceito com deus Hermes, o escritor Richard Palmer aponta três vertentes desse significado: função anunciadora, explicativa e de tradução.

Como função anunciadora, entende-se como “expressar, afirmar ou dizer” (PALMER, 2006, p. 25). Hermes é um deus grego, e entre os seus atributos, está o de ser o mensageiro dos deuses. Aqui, há a valorização da palavra falada, declamada.

A linguagem falada é considerada um fenômeno interpretativo. A entonação dá sentido às palavras, se expressa. E nessa expressão ganha vida, vira evento (PALMER, 2006, p. 29). Entende-se aqui, que a palavra falada, quando transformada em escrita, não deveria perder essa característica. A de ser não apenas técnica, informação, mas fala significativa, mensagem.

Como função explicativa, a interpretação ganha ênfase no aspecto discursivo. Eles não só falam, mas clarificam, dão entendimento. É importante que a interpretação traga clareza sobre algo anteriormente inexplorado. E não o faz de forma neutra, traz julgamentos. Assim, o significado faz sentido dentro de um contexto, dentro de uma relação entre quem o emite e quem o recebe. E quem o recebe, não o faz como um papel em branco. Já traz sua pré-compreensão, suas expectativas.

Para que o intérprete faça uma “performance” do texto, tem que previamente compreender o assunto e a situação antes de entrar no horizonte do seu significado. Só quando consegue entrar no círculo mágico do seu horizonte é que o intérprete consegue compreender o que o texto quer dizer (PALMER, 2006, p. 35). Esse círculo, também conhecido como círculo hermenêutico, é o próprio movimento incessante entre a pessoa e o assunto, fazendo com que cada um e ambos possam dar *ou receber* o sentido do texto.

A terceira orientação, seguindo o sentido da palavra grega, significa traduzir. Não apenas no sentido da tradução de um texto estrangeiro, mas a tradução própria do interpretar, dar sentido para quem lê, seja o de trazer a ideia para outro contexto histórico, um contexto mais simples, ou apenas um contexto mais próximo do universo de quem recebe o que foi colocado. Esta função está sempre presente, pois “há sempre dois mundos, o mundo do texto e o mundo do leitor, e por consequência há sempre a necessidade de que Hermes ‘traduza1 de um para o outro” (PALMER, 2006, p. 41).

A hermenêutica tem diferentes abordagens, não tanto em divisões históricas, mas distintas quanto à problemática da interpretação. Assim, iniciou-se como exegese bíblica. Após esse primeiro foco, surgiu a metodologia filológica geral ou método histórico-crítico da teologia. Já em autores como Schleiermacher (1768-1834) temos uma ciência da compreensão linguística (PALMER, 2006, p. 45-53), trabalhada em duas partes, uma gramatical e outra psicológica (GRONDIN, 1999, p.126). Uma base metodológica das ciências humanas foi o foco de Dilthey (1833-1911), que viu na hermenêutica uma disciplina central. Heidegger (1889-1976) se preocupou com as dimensões ontológicas da compreensão e Gadamer (1900-2002), no encontro

do ser por meio da linguagem. Não apenas seus enunciados, mas para o que, de dentro da alma, se quer externar. A hermenêutica também se aproximou da fenomenologia da existência e dos sistemas de interpretação dos mitos e símbolos (PALMER, 2006, p. 45-53)².

Carl Gustav Jung, psicólogo e psiquiatra suíço (1875-1961), não fez menção ao termo *hermenêutica* em si. Mas em sua obra vemos uma valorização da forma de se compreender o homem, de buscar qual seu sentido na vida. Para ele, a linguagem e a razão não bastavam. A totalidade do homem só poderia ser entendida a partir do inconsciente humano. E esse não seria possível apenas com palavras, já que o inconsciente falaria por meio de imagens e símbolos. Para entender de que forma se constrói uma hermenêutica simbólica na obra de Jung, serão trabalhados os conceitos de consciente e inconsciente.

Jung e a Noção de Consciente / Inconsciente

A compreensão que Jung faz da totalidade do homem, ultrapassa a noção do *eu* consciente. Essas seriam as raízes mundanas que sustentam o homem, suas tarefas cotidianas, as necessidades de sobrevivência, seus instintos, suas ilusões. Este mundo inteiro da consciência que aparenta ser a totalidade, mas não o é (JUNG, 1996, p. 26). Tudo o que percebemos com nossos sentidos faz parte da personalidade consciente, mas não basta. Existe um campo maior que o subordina, chamado de inconsciente (JUNG, 2011a, p. 16).

Para a psicologia analítica, o inconsciente se divide em dois campos. Um pessoal, e outro, chamado de inconsciente coletivo, que representaria uma condição da psique em geral. O primeiro é parte integrante da personalidade do indivíduo. É o desconhecido do mundo interior, aquilo que se esquece, o que foi percebido pelos sentidos, mas que o consciente não registrou, o que foi reprimido (JUNG, 1989, p. 354-355). Já os arquétipos seriam uma realidade hipotética do inconsciente coletivo. Eles sempre existiram, antes mesmo da construção do ego (JUNG, 2011a, p. 19). Essas propriedades não foram adquiridas individualmente. São universais e aparecem repetidamente ao longo da história (JUNG, 2013b, p. 107).

As camadas mais profundas do ser, não falam de conceitos, e sim de imagens. Essas imagens, quando vem do inconsciente coletivo, trazem símbolos recorrentes, mitos que percorrem a história do homem desde suas origens (WHITMONT, 1994, p. 35-36). Jung afirma

² Não houve a preocupação em abarcar todos os autores que trabalharam com a hermenêutica. Apenas alguns foram citados.

que o inconsciente coletivo é herdado. “Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (JUNG, 2012b, p. 52). Assim, não se tem acesso ao arquétipo diretamente. Apenas às representações dele que chegam à consciência, através de símbolos. Tornam-se imagens carregadas de emoções (JUNG, 2011b, p. 276). Segundo o autor Antônio Ávila, a partir de 1926, Jung estabelece que o arquétipo seria uma disposição funcional do psiquismo, pertencente a todo o gênero humano (ÁVILA, 2007, p. 40). Assim, a construção de símbolos se interliga com o próprio entendimento de inconsciente.

A tarefa do homem, ao longo da vida, seria a de integrar esses conteúdos inconscientes ao consciente, num processo chamado de individuação. A meta da individuação seria a construção do si-mesmo. Uma construção do ser vinculada ao religioso³. Para Jung, “individuação é a vida em Deus [...]” (JUNG, 2011c, p. 322) O si-mesmo é, portanto, a meta mais alta da vida, e ao mesmo tempo engloba o inconsciente e o consciente, num horizonte mais amplo que o eu, ou ego (JAFFÉ, 1989, p. 358). O si-mesmo, por sua vez, é também uma imagem divina (JUNG, 2011a, p. 35). Para Jung, o reconhecimento do si-mesmo seria o próprio restabelecimento do homem como microcosmo, a correlação cósmica do homem (JUNG, 2011c, p. 293).

Para Jung, o inconsciente, de um modo geral, é deixado de lado, “sepultado na estrutura do cérebro” (JUNG, 2013c, p. 18). Para que o homem tenha o conhecimento de si, é necessário que este inconsciente venha à tona. E venha como símbolo, como mito, já que de outra forma é impossível conhecê-lo (JUNG, 2013c, p. 18). A noção de símbolo na psicologia junguiana difere da forma como se entende o símbolo na linguagem comum. Segue o conceito de símbolo na psicologia de Jung.

O Conceito de Símbolo

O símbolo, na psicologia profunda de C. G. Jung tem uma posição central. É o símbolo que traduz os processos inconscientes, torna-os legíveis. Ele tanto contém os aspectos racionais

³ O tema religião não aparece de forma clara e constante em toda a obra de Jung. Diversas vezes ele insiste em se declarar empirista e, como tal, se mantém dentro dos ditames estabelecidos pela ciência (JUNG, 2011d, p. 33). Entretanto, nos diários pessoais e cartas, pode-se perceber a extensão dessa religiosidade. Para ele, “religião é assunto de primeira ordem” (JUNG, 2002, p. 242) e que seu interesse principal não estaria na cura das neuroses, mas na aproximação com o numinoso (JUNG, 2001, p. 381). O numinoso se refere ao conceito de Rudolf Otto, em que Jung o define como a característica de um objeto visível ou “o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência” (JUNG, 2012 p.19).

como os irracionais (JUNG, 2013c, p. 26).

O símbolo não é inventado, construído conscientemente. São produzidos espontaneamente pelo inconsciente (JUNG, 2013a, p. 61-62). Eles existem desde o início da humanidade e continuam ativos em nossos dias.

O que nossa linguagem não abarca, o símbolo o faz. Ele ultrapassa nossas categorias de linguagem e não pode ser expresso de apenas uma só maneira. Ele “possui várias camadas de sentido” (JUNG, 2012a, p. 70-71). Ele nunca é simples. Para Jung, os sinais e as alegorias são mais elementares. O símbolo remete a uma realidade mais complexa (JUNG, 2012a, p. 70-71). Nas palavras de Jung:

O símbolo não é um sinal arbitrário e intencional de um fato conhecido e compreensível, mas uma expressão de caráter reconhecidamente antropomórfico (por isso mesmo, limitada, válida apenas em certas condições) de um conteúdo sobrenatural e, por esta razão, só compreensível dentro de certas condições. O símbolo é, na verdade, a melhor compreensão possível, mas está muito abaixo do nível do mistério que significa (JUNG, 2012a, p. 15-16).

Portanto, o símbolo sempre remete a algo maior, mais amplo e mais elevado. Refere-se aos arquétipos, ao indizível, ao que não cabe em palavras, ao que foge de nossa compreensão racional (JUNG, 2013e, p. 77).

E para que haja esta simbolização, muitas vezes, como nos lembra Gadamer, há um encontro de horizontes (PALMER, 2006, p.192), ou um fundir-se. Para Jung, não só as pessoas têm conteúdos inconscientes. Na relação com o mundo, cada coisa tem, da mesma forma, seu aspecto desconhecido. “O desconhecido do homem e o desconhecido no objeto se confundem. Surge uma identidade psíquica [...]” (JUNG, 2012a, p. 72).

Há tanto no ser, como no mundo, uma essência oculta. O esforço para expressar esse segredo que nos escapa, estaria no símbolo (JUNG, C.G. 2013e, p 124-125). Entender o mundo a partir dos símbolos então é o que se entende como hermenêutica simbólica.

A Hermenêutica Simbólica

Segundo Owens (2010, p.27), a partir do “Livro Vermelho”⁴, pode-se ver em Jung uma vocação para hermeneuta. Para o autor, Jung não apenas deve lidar com a hermenêutica de uma

⁴ Este livro de Jung foi inicialmente um diário e contém os registros e desenhos de suas experiências psíquicas pessoais (JUNG, 2013f).

visão, como também é ele mesmo um hermeneuta.

Recordando a relação entre a hermenêutica e o deus Hermes, Jung teria percorrido esse mesmo caminho, ligando o que é interno ao externo, o escondido e o visto, o que está acima e o que está abaixo, o mundo dos deuses e o mundo dos homens.

Em suas visões e diálogos com a própria alma, o psicólogo suíço recebe um pedido. A de que mostrasse o que vivenciava ao público. Que fosse ele próprio o enunciador de novas verdades (OWENS, 2010, p. 28).

Para Barreto (2006, p. 10), a própria psicoterapia analítica já traz a valoração da palavra, empregada terapeuticamente. É uma palavra que estabelece concórdia, cura, ajuda a realizar a meta da vida. Para Jung, os homens primitivos possuíam um cenário onde eram vítimas de espíritos da morte e de encantamentos mágicos. Para estes homens, era necessário sacrifícios e cerimônias de proteção. Sabiam assim, interagir e lidar com os processos do inconsciente de forma saudável. Hoje também somos possuídos por demônios de fobias e doenças.

O que acontece é que damos nomes diferentes a tudo isso; e esta é a única vantagem que levamos sobre os primitivos, como se um nome pudesse modificar as coisas. Isto é bem pouco, mas, por outro lado, é muito. A humanidade sempre se sentiu libertada do pesadelo quando o nome foi encontrado (JUNG, 2013c, p. 19).

O homem, a partir da modernidade, vive no tempo da *transfiguração dos deuses* e dos símbolos fundamentais. Essa preocupação constitui a expressão de um homem ainda inconsciente de sua transformação interior (JUNG, 2013g, p.66). Segundo Jung:

O inconsciente é a história não escrita do homem, a partir de épocas imemoriais. A fórmula racional pode satisfazer aos tempos de hoje e ao passado imediato, mas não à experiência humana como um todo. Esta experiência supõe a concepção abrangente do mito, isto é, o símbolo. Faltando este, a totalidade do homem não se acha representada na consciência. O homem se situa mais ou menos como um fragmento acidental, como uma consciência parcial e sugestível, entregue a todas as fantasias utópicas que usurpam o lugar vazio dos símbolos da totalidade (JUNG, C.G. 2013c, p 97).

É pelo resgate dos símbolos que é possível ter acesso ao conteúdo do inconsciente e como consequência, ter um sentido de vida, um conhecimento maior de si mesmo. É por meio do símbolo, na afirmação de Barreto, (2006, p. 20) que Jung se inscreve no pensamento hermenêutico contemporâneo.

Todas as experiências, inclusive as religiosas, devem passar pela via do símbolo. Se

existiram de forma histórica e literal, não importa. Mas se, no interior do homem, essas imagens e esses dogmas forem vividos de maneira simbólica, o próprio universo interior se alarga, dando lugar à experiência vivida e ao crescimento psíquico. Na explicação de Jung:

Contudo, se compreendermos, por exemplo, a ressurreição de Cristo de maneira simbólica e não literal, obteremos interpretações diversas que não entram em choque com o saber nem prejudicam o sentido da afirmação. A objeção de que uma compreensão simbólica poderia destruir a esperança dos cristãos na imortalidade, representada pela vinda de Cristo, é infundada, uma vez que a humanidade, bem antes do cristianismo, já acreditava numa vida depois da morte e, assim, não precisava do acontecimento pascal para garantir essa esperança. O perigo do exagero de literalidade na compreensão da mitologia, que pervade toda a doutrina da Igreja, pode culminar na sua recusa absoluta. E hoje ele é maior do que nunca. Já não seria hora de se entender de modo simbólico, definitivamente, os mitologemas cristãos, ao invés de negá-los? (JUNG, C.G. 2013g, p. 29).

O que antes era externo, tais como as imagens religiosas, passam a figurar “na interioridade da experiência subjetiva” (BARRETO, 2006, p. 225).

Para Bernardo Nantes, a chave hermenêutica na obra de Jung, está em seus estudos alquímicos (NANTES, 2011). A chave é, mais uma vez, sem dúvida, o próprio símbolo.

No ano de 1950, aos 75 anos de idade, Jung trabalhou numa pedra no terreno da sua torre em Bollingen. Em um dos lados, pode-se ver um círculo lapidado, como um olho, e no centro, uma pupila. Neste centro há um homúnculo, e sua vestimenta é marcada com o símbolo de deus Hermes (OWENS, 2010, p.31). Segue-se à imagem, uma inscrição em grego que diz:

Time is a child — playing like a child — playing a board game — the kingdom of the child. This is *Telesphoros*, who roams through the dark regions of this cosmos and glows like a star out of the depths. He points the way to the gates of the sun and to the land of dreams (Owens, 2010, p. 31).⁵

Como deus Hermes, o próprio Jung, com sua lanterna sob o país do inconsciente coletivo, trouxe maior compreensão sobre o próprio homem, sua psique, sua meta maior, seu sentido de vida. Fazer a leitura de “Miserere” de Adélia Prado, a partir de uma hermenêutica simbólica remete a temas caros a ambos, Jung e Adélia. São eles, entre outros, o valor da vida, do ser e de Deus.

⁵ O tempo é uma criança, brincando como uma criança, jogando um jogo de tabuleiro – o reino da criança. Este é *Telesphoros*, que vem das escuras regiões do cosmos e brilha como uma estrela das profundezas. Ele aponta para os portões do sol e para as terras dos sonhos. (Tradução nossa).

Adélia Prado

Adélia Prado é poetisa de Divinópolis, estado de Minas Gerais. Nasceu no ano de 1935. Casou, teve cinco filhos, fez faculdade de filosofia e só em 1976, aos quarenta anos publicou seu primeiro livro, “Bagagem”, elogiado por Affonso Romano de Sant’Anna e Carlos Drummond de Andrade. De lá para cá produziu 18 livros, sendo o último, “Miserere”, lançado no ano de 2014. Adélia, em suas palestras, discursa sobre o amor, sobre psicologia, sobre o sentido da vida, sobre religião e sobre o cotidiano. São esses os temas que embalam sua existência e poesia. Seu trabalho sai de Divinópolis e encanta o Brasil. Sua poesia é brasileira e mais que isso: é humana, no que tange às dores e alegrias desta vida, e também divina, no êxtase experimentado na singeleza das tarefas do dia-a-dia. A partir do livro “Miserere” será feita uma análise sobre o processo de individuação e os símbolos que o percorrem. Especificamente, tratar-se-á sobre o início do processo e a meta deste, o conceito de si-mesmo. Outras etapas tais como o encontro com a sombra, ou o encontro com o *anima-animus*, também importantes, não serão aqui abordadas.

Sobre o Processo de Individuação em *Miserere*

Gerar um indivíduo psicológico, o si-mesmo, com uma personalidade ampla e amadurecida, não é tarefa das mais simples. Na realidade, é tarefa de vida inteira, chamada por Jung de individuação. Nesse processo, busca-se um todo a partir de conteúdos psíquicos conscientes e inconscientes (JUNG, 2012b, p. 274). Não existe aqui uma receita única que todos possam seguir. A condução da personalidade em direção à totalidade se dá por meio de símbolos. Esses símbolos, que aparecem nos sonhos, fantasias, expressão artística, surgem espontaneamente (JUNG, 2013a, p. 61). Não é uma busca, é um recebimento. O título do livro de Adélia Prado nos remete ao que recebemos pela graça, a misericórdia divina — *miserere* — e é essa a condução de toda a jornada. E como a individuação é a meta maior de um ser humano, ela vem representada muitas vezes por símbolos religiosos. É um caminho permeado por deuses oriundos das profundezas da psique (JUNG, 2011b, p. 267).

O início da individuação é marcado pelo vazio. É como se a falta de sentido e o tédio fossem a própria mola propulsora (FRANZ, 2008, p. 219). E mesmo que não se vislumbre o

futuro, há aqui a noção de que essa jornada faz-se urgente e necessária. O início da individuação é visto no poema “A Criatura”.

A CRIATURA

Domingo escuro, sensação de desterro, a vida difícil.
 Sofre-se muito e cada vez mais,
 também porque as vigílias são muito longas.
 Ainda que durmas, deves-te levantar e cuidar da vida,
 sujeitar-se à pouca destreza de um corpo
 que não aprende as sutilezas da alma
 e a todo instante perturba-te o repouso.
 Precisas comer, limpar-te, mostrar-te apresentável
 a quem chama na porta, salvar-te com compostura
 do teu destino metabólico,
 dormir na própria cruz sem sobressaltos,
 como um bebê brincando com suas fezes.
 Ó meu Deus, dizer o que disse
 e não ter dúvidas de que escrevi um poema
 é saber na carne: verdadeiramente
 dar-Vos graças é meu dever e salvação (PRADO, 2014, p. 51).

Logo nos primeiros versos notamos o vazio, o tédio profundo, o sofrimento que gera o início da individuação. E ela é tão necessária quanto a mais banal das necessidades básicas do indivíduo. É destino do ser, e um destino entranhado até as vísceras. Não há como escapar dele. É ao mesmo tempo nas palavras de Adélia, *dever e salvação*. No “Livro Vermelho”, há uma passagem de Jung que diz: “Quem quer criar o eternamente cheio, vai criar para si também o eternamente vazio. Não podes uma coisa sem a outra” (JUNG, 2013f, p. 281). Em nota de rodapé do editor há a explicação de que esta passagem foi influenciada pelo filósofo Nietzsche (1844-1900). Em “Assim falou Zaratustra”, obra de 1883, Nietzsche diz: “É preciso ter o caos dentro de si, para dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 2012, p. 22). A frase está sublinhada no exemplar de Jung (JUNG, 2013f, p. 281). Logo adiante Jung conclui: “Eu aceitei o caos, e na noite seguinte minha alma veio a mim” (JUNG, 2013f, p. 308) remetendo a importância do esvaziar-se e do permitir-se mergulhar nos abismos do inconsciente. Esse mergulho entretanto, não é rápido e nem fácil. O si-mesmo exige entrega, paciência, perseverança.

O si-mesmo

O processo de individuação é longo e solitário. Perfaz uma vida inteira. Não é uma linha

reta, com princípio, meio e fim. Mais nítido se faz ao pensarmos num movimento circular, (JUNG, 1989, p. 358) sempre aprendendo e crescendo, lidando e unificando as oposições da natureza: alto e baixo, calor e frio, feminino e masculino, bem e mal. (JUNG; WILHELM, 2011, p. 30) A clareza não se faz em se tornar santo ou acima deste mundo, ou a certeza de que no fim se verá a Deus. Atingir o centro, ou o si-mesmo é se sentir pleno, em paz, tornando conscientes os conteúdos inconscientes. A alma busca um esquema de ordenamento (JUNG, 2011d, p.136). Essa nova estruturação se dá a partir de um núcleo divino no interior do homem. Para Jung, o núcleo inicialmente vazio deveria ser o “estábulo no qual nasce o Senhor” (JUNG, 2013d, p. 88). Esse seria o objetivo da vida. Integrar os conteúdos polares da psique, como o masculino e o feminino, até que surja um “terceiro conciliador”. O símbolo, na figura de um nascimento divino, é o núcleo da psique, o si-mesmo, a meta última, o sentido da vida (JUNG, 2001, p. 380). “Crucifixão” nos fala disto.

CRUCIFIXÃO

Quando nada socorre
 e até a solicitude dos que nos têm amor parece engano,
 o ente sinistro ronda.
 Estás sozinho e não é no deserto,
 no mar aberto não é,
 lugares onde ainda se pode debater.
 É antes da explosão que resultou no mundo,
 quando eram uma coisa só adoração e blasfêmia,
 o desumano limite onde deuses imperfeitos te castigam.
 Ali, como um cordeiro de Deus descobrirás:
 Minha alma é eterna e eu sou bom (PRADO, 2014, p. 49).

Como nas palavras de Adélia, Jung dizia que toda grande verdade é simples. E que essas verdades falariam não apenas ao intelecto, mas também ao coração (JUNG, 2013e, p. 62). Mas nada é tão difícil como a tarefa de ser simples (JUNG, WILHELM, 2011, p.33). Foi preciso uma vida inteira para que Jung pudesse transmitir o que realmente falava seu coração. Sobre isso ele comenta:

Às vezes como que me espalho pela paisagem e nas coisas, e vivo em cada árvore, no sussurro das vagas, nas nuvens, nos animais que vão e vêm, e nos objetos. Nada há na torre que não tenha surgido e crescido ao longo dos decênios, nada a que eu não esteja ligado. Tudo tem sua história, que é também a minha história, e aqui há lugar para o domínio não espacial dos segundos planos. Renunciei à eletricidade e acendo eu mesmo a lareira e o fogão. À tarde acendo os velhos lampiões. Não há água corrente; preciso tirá-la

do poço, acionando a bomba manual. Racho a lenha e cozinho. Esses trabalhos simples tornam o homem simples, e é muito difícil ser simples (JUNG, 1989, p. 198).

Ser simples para Jung significava deixar-se habitar pela vida, deixar simplesmente que as coisas acontecessem sem intervir. A solidão da individuação não é a solidão no mundo, é a solitude da própria alma em sua jornada particular. Onde descobriremos sobre esse *mistério* que une opostos? Ali, Adélia nos responde. Ali, sob o manto do divino, a verdade infinita da alma. Ali, na simplicidade. Ali, logo ali, na alma de Adélia e na nossa própria alma.

Considerações Finais

Com deus Hermes, símbolo maior do conceito de hermenêutica, aprendemos sobre o anunciar, o explicar e o traduzir. Se somos seres submetidos à linguagem, essas funções tem o caráter de elucidar o próprio homem e compreendê-lo em seus horizontes de interação com o mundo. Nos rastros deste deus, alguns (não muitos) autores têm discorrido sobre essa temática, valorizando sua importância e a redimensionando no âmbito da ciência e do conhecimento em geral. Para além da compreensão de um texto, é preciso pensar sobre o pensar. Compreender sobre a compreensão em seu sentido mais refinado e sutil. Entre os novos estudos, as lamparinas iluminadas por Carl Gustav Jung tem sido matéria de discussão. Teóricos da atualidade comentam sobre a metodologia hermenêutica de Jung, a partir da relevância do símbolo em sua obra. Seria uma hermenêutica simbólica de descortinar os véus não apenas de textos ou do mundo, mas do interior do próprio ser. Uma luz nos corredores do inconsciente humano, trazendo mais consciência e entendimento para a hermenêutica propriamente dita, e para o homem enquanto psique e existência.

A poesia de Adélia é popular. Nasce do cotidiano brasileiro. Podemos aprender como as teorias hermenêuticas nos fazem entender melhor a obra a partir do seu interior, da história de vida do seu autor, e inclusive, dos nossos pressupostos a respeito do que lemos. Mas, a partir da hermenêutica simbólica de Jung, podemos compreender que a obra de Adélia Prado vai além das palavras, ela toca o profundo. E como tal, nos eleva e nos ensina um pouco mais sobre nós mesmos e nossa comunhão com Deus.

Seguindo uma hermenêutica simbólica para entender Adélia, é na própria poesia que o ser se revela. Que ser? O próprio leitor, que, num olhar atento, deixa-se penetrar pela obra e se

compreende um pouco mais. Amplia seu mundo, compreende seu ser. Torna-se mais amplo, mais pleno, mais feliz.

Referências

- ANGLADA, Paulo R. B. Orare et Labutare: A hermenêutica reformada das escrituras. *Fides Reformata online*: revista do centro presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper, São Paulo, volume II n.1, 1997. In: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/visualizar/21>. Acesso em setembro de 2014.
- ÁVILA, Antônio. *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARRETO, Marco Heleno. *Símbolo e Sabedoria prática: Carl Gustav Jung e o mal-estar da modernidade*. Tese (doutorado em história da filosofia), Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- FRANZ, Marie-Louise von. O processo de individuação In. JUNG, Carl Gustav. (Org.) *O homem e seus símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- HERMENÊUTICA In: BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ed. FTD, 2007. p. 405.
- JAFFÉ, Aniela. Prefácio In. JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2011a
- _____. *A energia Psíquica*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- _____. *A vida simbólica*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b 1 vol.
- _____. *A vida simbólica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c 2 vol.
- _____. *A prática da psicoterapia*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- _____. *Cartas 1906-1945*. 1 vol, Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Cartas 1946-1955*. 2.vol, Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Civilização em Transição*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.
- _____. *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013d.

- _____. *Memórias, sonhos e reflexões*. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. *The psychology of kundalini yoga: notes of the seminar given in 1932*. Bollingen Series XCIX. New Jersey: Princeton University Press, 1996.
- _____. *O espírito na arte e na ciência*. 8.ed. Vozes, 2013e.
- _____. *O livro vermelho: liber novus*. ed. sem ilustrações. Petrópolis: Vozes, 2013f.
- _____. *O símbolo de transformação na missa*. 7. ed. Vozes. 2012a.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 8. ed. Petrópolis, 2012b.
- _____. *Presente e Futuro*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2013g.
- _____. *Psicologia e religião*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012c.
- _____. *Um mito moderno sobre as coisas vistas no céu*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011d.
- _____. WILHELM, Richard. *O segredo da flor de ouro*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- NANTES, Bernardo. Prólogo In: NANTES, Bernardo. *El libro rojo de Jung: claves para la comprensión de una obra inexplicable*. Madrid: Ediciones Siruela, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich-Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- OWENS, Lance. The hermeneutics of vision: C G Jung and Liber Novus. *The Gnostic: A Journal of Gnosticism, Western Esoterism and Spirituality*. Issue 3, p. 23 – 46, July 2010. In: <http://gnosis.org/Hermeneutics-of-Vision.pdf>. Acesso em setembro de 2014.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Ed. 70, 2006.
- PRADO, Adélia. *Miserere*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- WHITMONT, Eduard C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.